

Cartilha CinematogrÁfrica

Orientações para o uso de cinemas
africanos em sala de aula

Itamiris Cantanhede e Cantanhede



Cartilha Cinematográfica

Orientações para o uso de cinemas
africanos em sala de aula

Itamiris Cantanhede e Cantanhede

Capa

Itamiris Cantanhede e Cantanhede

Diagramação

Itamiris Cantanhede e Cantanhede

Texto

Itamiris Cantanhede e Cantanhede

Revisão

Viviane de Oliveira Barbosa



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

Cantanhede, Itamiris Cantanhede e.

Cartilha Cinematográfica: orientações para o uso de cinemas africanos em sala de aula. / Itamiris Cantanhede e Cantanhede. – São Luís, 2025.

72 f.; il.

Produto Educacional da Dissertação "O cinema na sala de aula: usos de cinematografias moçambicana e senegalesa no ensino de história da África pós-colonial".

Orientação da Profa. Dra. Viviane de Oliveira Barbosa.

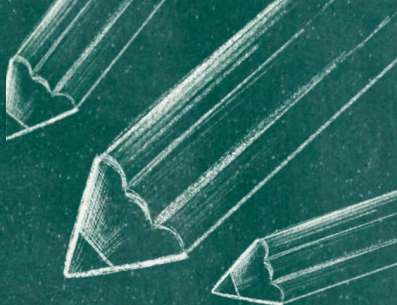
1. Ensino de História. 2. África pós-colonial. 3. Cinema moçambicano. 4. Cinema Senegalês. 5. Cartilha de orientações. I. Título.

CDU 93/94: 371.686 (6) (075.2)

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837



ÍNDICE



APRESENTAÇÃO 7

1 POR QUE CINEMAS AFRICANOS? 9

O cinema de Moçambique 15

O cinema de Senegal 18

2 COMO FAZER DOS CINEMAS AFRICANOS
UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA? 22

As legislações educacionais 27

Como (não) usar o cinema em sala de aula 30

A avaliação 32

Preparando a sessão: tudo no lugar? 33

3 QUAIS FILMES DE MOÇAMBIQUE E
SENEGAL POSSO UTILIZAR NAS AULAS
DE HISTÓRIA? 34

O tempo dos leopardos 35

Virgem Margarida 39

O carroceiro 43

A negra de... 47

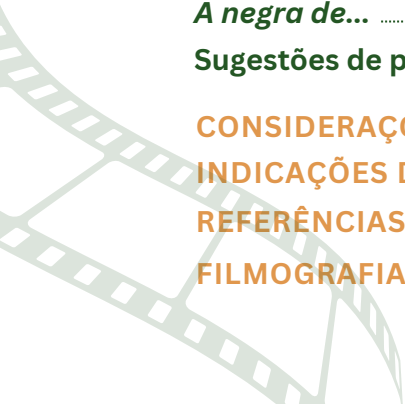
Sugestões de plano de aula 51

CONSIDERAÇÕES DOS/AS DOCENTES 57

INDICAÇÕES DE LEITURAS 64


REFERÊNCIAS 66

FILMOGRAFIA 68








Apresentação





Prezado/a professor/a,





Este produto educacional foi desenvolvido como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST/UEMA), com o objetivo de fornecer orientações sobre o uso dos cinemas africanos em sala de aula.




Destinado a professores/as de História dos Anos Finais do Ensino Fundamental, o material oferece sugestões pedagógicas para o uso crítico e reflexivo do audiovisual.



O conteúdo está dividido em três partes: explora a diversidade dos cinemas africanos, destacando Moçambique e Senegal; apresenta metodologias para integrar o audiovisual nas aulas e sugere filmes acompanhados de propostas de análise.

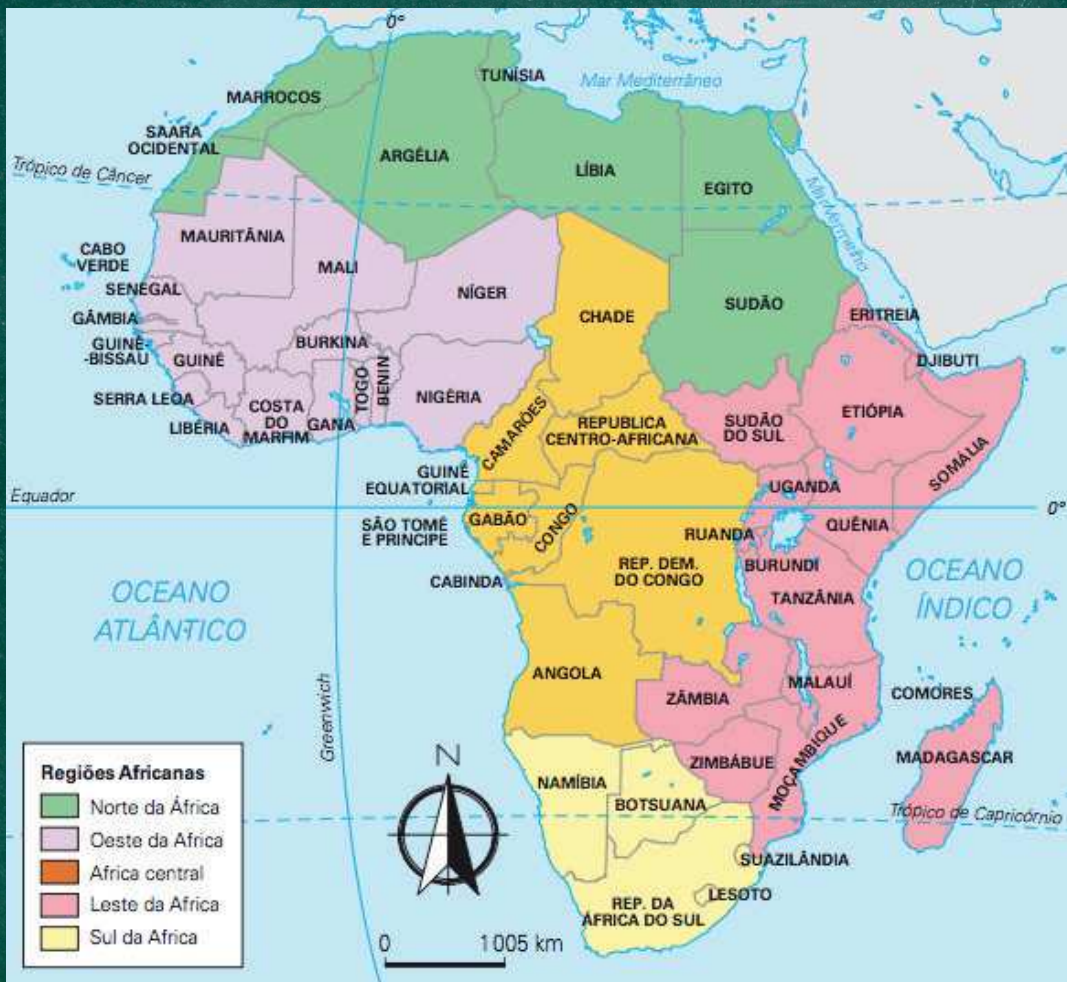


Desejo uma ótima leitura e que este material inspire novas práticas pedagógicas!



Itamiris Cantanhede

Divisão regional do continente africano



Divisão regional do continente africano, de acordo com critérios estabelecidos pela União Africana (UA) e a Organização das Nações Unidas (ONU).

Disponível em: <https://www.coladaweb.com/geografia/regioes-da-africa>. Acesso em 28 jan. 2025.

1

POR QUE CINEMAS AFRICANOS?



Quando se fala em “cinemas africanos”, pretende-se destacar a diversidade cultural e estética existente no continente. A busca pelo entendimento do que, de fato, constitui tais cinematografias, leva-nos a perceber que há vários pontos divergentes entre elas, ao mesmo tempo em que as particularidades devem ser mantidas.

Assim, seria desonesto reduzir o continente africano, tão vasto e diverso, a uma dimensão uniforme no campo cinematográfico. Afinal, partindo da complexidade dos mais de 50 países, é evidente que essa multiplicidade seria refletida no audiovisual.

Com base nisso, convém questionar: a) quais são os critérios que permitem identificar uma obra cinematográfica como parte dos cinemas africanos? b) para um filme ser classificado como africano, basta que seja filmado em terras do continente?

Para responder a tais perguntas, é fundamental considerar que é um equívoco afirmar que qualquer filme produzido em África seja automaticamente classificado como cinema africano, pois, ao longo da história, muitos filmes realizados por europeus no continente retrataram as sociedades africanas a partir de uma perspectiva

colonialista e paternalista. Essas produções, embora filmadas em África, muitas vezes não refletem as vozes, as experiências ou as culturas dos próprios povos africanos, mas sim a visão externa e distorcida imposta por cineastas estrangeiros (Lima Júnior, 2014, p. 46).

Nesse sentido, compreende-se que existem filmes produzidos em território africano, ou que usam a África como cenário, mas que possuem uma perspectiva ocidental ou até mesmo exótica, representando o continente de maneira folclorizada, por meio de estereótipos. Geralmente, esses filmes são produzidos por europeus. Por outro lado, embora a experiência cinematográfica nos países de África tenha começado desde o período colonial, os cinemas africanos constituem-se como um projeto sobretudo político, partindo de uma proposta de romper com o colonialismo e resgatar sua autonomia.

De acordo com Thiong'o (2007, p. 27), “é imprescindível que existam filmes realizados por africanos que abordem a condição africana, antes que se possa discutir o cinema africano”. Esse argumento sublinha a necessidade de disponibilizar recursos e tecnologias para o desenvolvimento da cinematografia nos países africanos. É importante lembrar que a história do continente é profundamente marcada pelo colonialismo, cujos efeitos ainda se fazem sentir na produção e distribuição de filmes. Nesse contexto, Thiong'o (2007) defende não apenas a descolonização desses recursos, mas também a “descolonização das mentes”.

Por isso, enquanto as produções coloniais eram frequentemente permeadas por estereótipos e racismo,

as obras africanas apresentavam personagens nativos em histórias que se distanciavam dos padrões ocidentais, que costumavam oferecer uma visão limitada e homogênea do continente. Assim, o termo “cinema africano” começou a ser utilizado a partir de 1960, um momento que coincide com o período de independência da maioria dos países de África. Um exemplo significativo dessa época é o curta-metragem *Borom Sarret* (1966), de Ousmane Sembène, reconhecido como o primeiro filme africano (Rosenstein, 2014, p. 79).

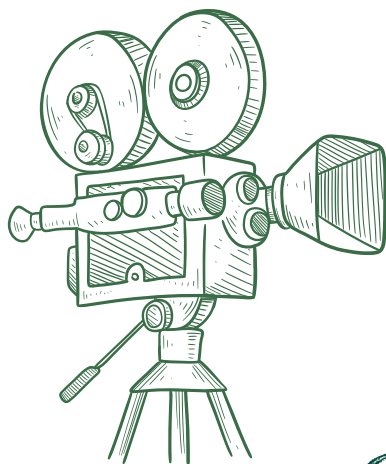
Diante dessas informações, justifica-se a escolha pelo termo “cinemas africanos”, no plural, uma vez que “é um cinema que já começa a existir no plural. Essa pluralidade não está apenas na diversidade temática, está na renovação estético-estilística e na emergência de novas gerações cinematográficas do norte ao sul do continente” (Bamba, 2008, p. 216).

Esses cinemas também são marcados pelos impactos do controle europeu. A forma como o cinema foi desenvolvido em diferentes territórios africanos está intimamente ligada à experiência colonial vivida em cada região. Isso se deve ao fato de que cada país colonizador adotou posturas variadas em relação à sétima arte, ora incentivando, ora desestimulando as iniciativas locais.



Além disso, a questão do financiamento, ou a sua escassez, é um outro elemento comum aos cinemas africanos. O apoio financeiro proveniente da Europa não foi desinteressado, já que buscou alinhar as produções a critérios ocidentais e comerciais. Essa dinâmica impactou tanto a produção quanto a distribuição dos filmes, dificultando o sucesso de cineastas independentes e limitando suas oportunidades de expressão artística.

O apoio dos países colonizadores teve um papel importante na continuidade dos laços coloniais. Um exemplo disso é a postura da França em relação às produções africanas, já que o governo francês criou o *Consortium Audiovisuel International* (Consórcio Audiovisual Internacional, CAI), com a intenção de oferecer subsídios para a produção audiovisual nas ex-colônias. Contudo, na prática, essa iniciativa serviu mais para fortalecer as relações culturais e econômicas da França e garantir sua influência sobre esses territórios (Rosenstein, 2014, p. 84). Assim, mesmo após a conquista da independência política, os países africanos continuaram a enfrentar novas formas de submissão.




Os aspectos discutidos até aqui revelam que o histórico da colonização e a dependência de financiamento externo são fatores cruciais para o desenvolvimento dos cinemas africanos. Contudo, apesar dessa intersecção, cada país mantém sua singularidade na história do cinema e na maneira como o incentivo à sétima arte é promovido em cada região.

As diferenças entre as indústrias cinematográficas são evidentes em países como Egito, África do Sul e na região norte do continente. Por exemplo, enquanto os países do Magreb (Marrocos, Argélia, Tunísia, Mauritânia e Líbia) podem ser associados à cinematografia árabe, o Egito se destaca por seu caráter industrial, sendo um importante centro produtor de filmes na região. Essa diversidade ilustra como as influências históricas e culturais moldam as produções cinematográficas em cada lugar, resultando em uma riqueza de narrativas e estilos que refletem as experiências únicas de seus povos (Armes, 2014, p. 34).

A África do Sul, por sua vez, conta com uma grande infraestrutura no ramo cinematográfico, sobretudo após o fim do *apartheid* que, segundo Bamba (2008, p. 228-229), marca uma nova fase desse cinema, o qual, desde então, passou a ter pessoas negras diretamente envolvidas na produção. As diferenças também estão relacionadas com a interferência que cada país colonizador deixou em cada colônia, assim como a maneira pela qual os subsídios estatais foram destinados por cada governo que assumiu o comando dos países independentes. As estéticas e as influências de cineastas estrangeiros também acarretam singularidades no cinema dos países, sem falar no tipo de indústria, veiculação e recepção que cada lugar possui.

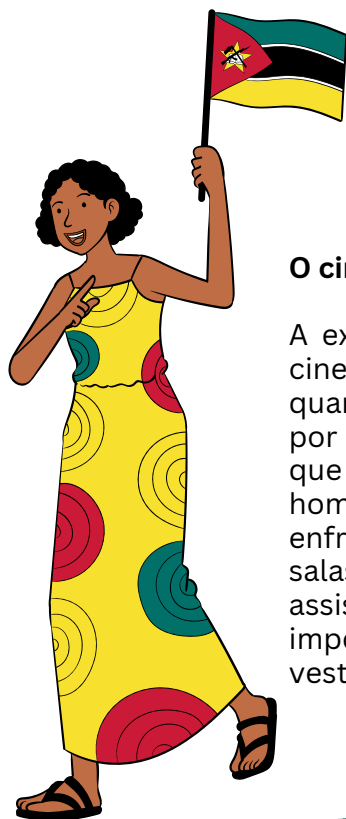




*“[...] o cinema na África continua sendo uma realidade graças a individualidades. **É um cinema que já começa a existir no plural.** Essa pluralidade não está apenas na diversidade temática, está na renovação estético-estilística e na emergência de novas gerações cinematográficas do norte ao sul do continente.”*

Mahomed Bamba

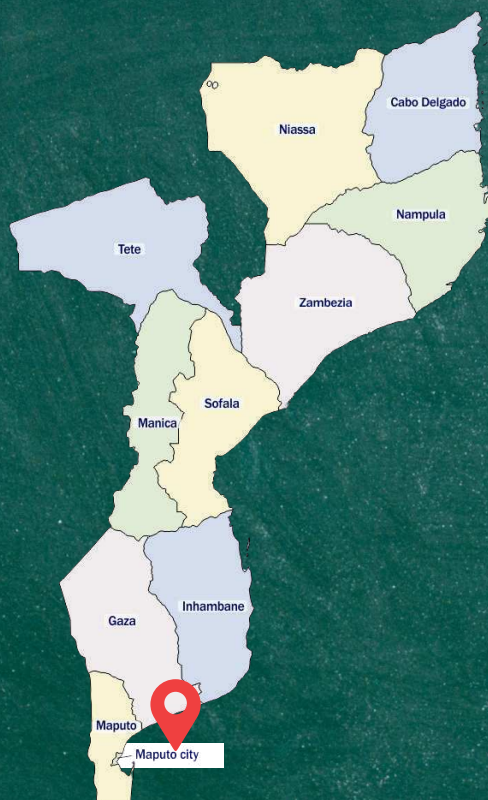
São essas especificidades que levaram autores como Mahomed Bamba (2008) a usar o termo “cinemas africanos”, no plural, com a finalidade de ressaltar as diferenças da cinematografia de um continente tão diversificado. Essa expressão, munida de forte teor político, ultrapassa os limites geográficos e revela um conjunto de obras distintas, feitas por africanos, para africanos, que compartilham do mesmo histórico colonial que atormentou a África, mas que ainda representam suas histórias ímpares por meio do audiovisual. Exemplos dessa cinematografia são os filmes de Moçambique e Senegal.



O cinema de Moçambique

A experiência de Moçambique com o cinema teve início no período colonial, quando as exibições eram controladas por Portugal e focadas em conteúdos que exaltavam a cultura europeia e o homem branco. Os moçambicanos enfrentavam restrições de acesso às salas de cinema, como a proibição de assistir filmes com cenas violentas e a imposição de um código de vestimenta europeu (Convents, 2019).

MOÇAMBIQUE



Fonte: https://d-maps.com/leaflet.php?num_car=35&id_lang=pt



Capital

Cidade de Maputo



Área

801.590 km²



Língua oficial

Português



População

33,64 milhões de habitantes

(Estimativa em 2023)

Com a independência em 1975, sob o comando da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), liderada por Samora Machel, o governo passou a incentivar a produção audiovisual como uma ferramenta de formação e mobilização do povo. O cinema foi utilizado como um instrumento de propaganda política, promovendo a “moçambicanidade” e o ideal do “homem novo”, que buscava romper com o colonialismo e construir uma identidade nacional moderna, unificada e científica (Basílio, 2011).

O Instituto Nacional de Cinema (INC), criado logo após a independência, foi o principal motor desse projeto, promovendo a formação de cineastas moçambicanos e contando com o apoio de diretores internacionais, como Jean Rouch, Jean-Luc Godard e Ruy Guerra. O INC também produziu o cinejornal *Kuxa Kanema*, que funcionava como um noticiário cinematográfico propagando os ideais da FRELIMO e informando a população sobre as realizações do governo.

No entanto, na década de 1980, o INC enfrentou conflitos internos devido à divergência entre cineastas, que desejavam explorar outros temas, e o partido, que focava na propaganda governamental. A crise se agravou após a morte de Samora Machel, quando o financiamento estatal diminuiu e muitas salas de cinema foram vendidas para a Igreja Universal do Reino de Deus. O incêndio que destruiu o prédio do INC, em 1991, marcou o fim de suas atividades.

A partir desse momento, a produção cinematográfica moçambicana passou a ser conduzida por produtoras independentes, como a *Copimagem*, *Promarte*, *Ébano Multimedia*, *Catembe Produções* e *Iris Imaginações*. Desde

a década de 1970, o cinema moçambicano tem sido majoritariamente composto por documentários, abordando as questões sociais e culturais do país, com foco nos efeitos do colonialismo e da guerra civil (1977-1992).

O cinema de Senegal

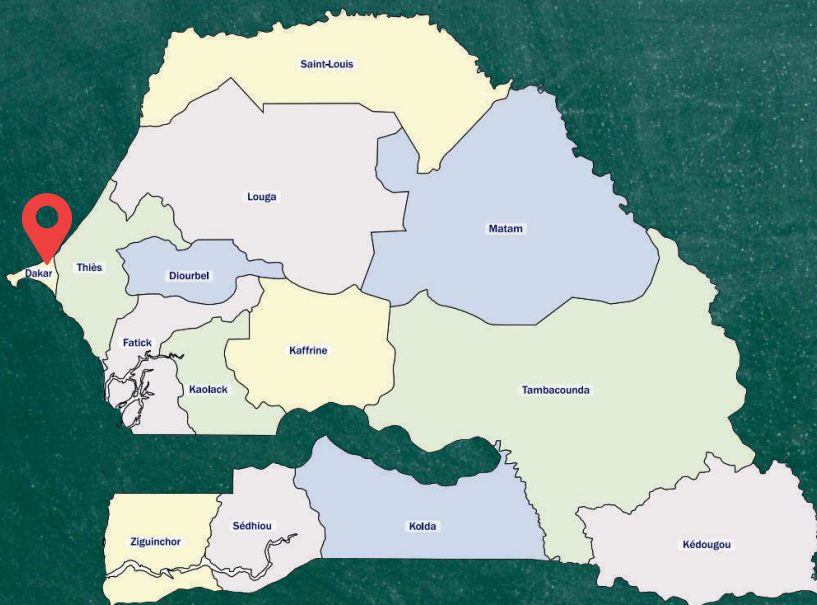
No caso do Senegal, a relação colonial com a França deixou marcas profundas na produção audiovisual, mesmo após a independência em 1960. Como apontado por Manthia Diawara (1992), o cinema francófono foi o mais produtivo na África subsaariana no final do século XX, com um número considerável de longas-metragens. No entanto, essa produção não pode ser considerada completamente autossuficiente, já que a França continuou a exercer controle sobre as filmografias, por meio de subsídios e imposição de padrões estéticos europeus, perpetuando a dependência pós-colonial.

Uma importante medida que limitou as produções africanas foi o Decreto Laval da década de 1930, que proibia a realização de filmagens em solo africano. Em resposta a isso, cineastas, como Paulin Vieyra, começaram a produzir filmes, a exemplo de *Afrique sur Seine* (1955), filmado em Paris, abordando questões da diáspora e identidade africanas. Mesmo com o surgimento do CAI (*Consortium Audiovisuel International*), em 1961, que



SENEGAL

Fonte: https://d-maps.com/carte.php?num_carte=28244&lang=pt



Capital

Dakar



Área

196.722 km²



Língua oficial

Francês



População

18,08 milhões de habitantes
(Estimativa em 2023)

oferecia financiamento para filmes nas ex-colônias, as produções tinham que seguir os critérios estéticos definidos pela França, o que gerou debates sobre a falta de autonomia criativa.

No Senegal, o cineasta Ousmane Sembène desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de uma cinematografia africana anticolonialista. Considerado o “pai do cinema africano”, Sembène utilizou o cinema como ferramenta política para criticar o colonialismo e representar as realidades africanas de forma autêntica. Suas obras pioneiras, como *Borom Sarret* (1962) e *Mandabi* (1968), foram fundamentais para abrir caminhos para a produção cinematográfica em línguas africanas e para a representação da vida pós-colonial no continente.

A partir dos anos 1970, cineastas senegaleses passaram a criticar o paternalismo francês e exigiram medidas que facilitassem o acesso à produção cinematográfica. Um exemplo foi a criação da *Société Nationale de Cinéma* (SNC), em 1973, responsável pelo financiamento de filmes no Senegal. Apesar desses esforços, o cinema senegalês enfrentou desafios contínuos de financiamento e controle da distribuição, uma vez que ainda dependia de recursos externos.

Na virada do século XXI, o cinema senegalês passou a explorar novas formas de produção, como o cinema digital, que proporcionou maior flexibilidade e acesso mais barato à produção audiovisual, facilitado por plataformas como o YouTube e serviços de streaming, que ampliaram o alcance das produções senegalesas e africanas em geral.



Fonte: <https://www.planocritica.com/especial-ousmane-sembene/>



Ousmane Sembène, considerado o pai do cinema africano



2

COMO FAZER DOS CINEMAS AFRICANOS UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA?

Para utilizar o cinema em sala de aula de forma eficiente, o planejamento prévio é essencial. Primeiramente, o/a professor/a precisa considerar a adequação dos recursos disponíveis na escola e o tempo necessário para a atividade. Isso envolve ajustar a duração do filme ao tempo de aula. Se o filme for muito longo, é possível selecionar e exibir trechos que melhor atendam aos objetivos pedagógicos, garantindo que haja tempo suficiente para debates e reflexões.

Uma alternativa viável, caso os recursos tecnológicos ou o tempo não permitam a exibição da obra em sala de aula, é solicitar que os/as estudantes assistam ao filme em casa – se tiverem condições de acesso à internet e a dispositivos de mídia.

Além do tempo, o/a professor/a deve verificar se os equipamentos necessários, como projetores e computadores, estarão disponíveis e funcionando adequadamente. Se o filme for exibido online, é importante certificar-se de que ele está acessível na plataforma desejada, com boa resolução e legendas, caso seja um filme estrangeiro. Cuidar desses detalhes técnicos evita imprevistos que possam comprometer a dinâmica da aula.

Outro ponto fundamental é o cuidado na escolha do conteúdo. O/A docente deve garantir que o filme seja apropriado para o ambiente escolar e a faixa etária à qual será exibido, atentando-se para cenas com conteúdo sexual, violência excessiva ou linguagem inadequada. A escolha do filme deve ter um propósito claro e estar alinhada aos objetivos educacionais. Assim, o/a docente precisa refletir sobre quais habilidades e conceitos deseja mobilizar com a obra, e como esta pode enriquecer o ensino de História ou de outras disciplinas.

Além disso, para um planejamento adequado das atividades envolvendo cinema, é fundamental que o/a professor/a tenha conhecimento de informações importantes sobre o filme que será exibido. Ao selecionar a obra, o/a docente deve levar em consideração aspectos como a direção, o país de produção e a recepção do filme pelo público e crítica. Entender o impacto que o filme teve na sociedade no momento de sua produção, bem como identificar quem financiou o projeto, oferece uma perspectiva mais rica e contextualizada para os/as estudantes.



Essas informações são especialmente importantes no caso dos cinemas africanos, que muitas vezes são coproduções europeias. Compreender essas colaborações é crucial para explicar aos/as discentes as dinâmicas envolvidas na produção de filmes africanos e os possíveis impactos dessas parcerias na representação de temas e personagens.

Assim, o/a professor/a deve explorar essas questões antes de passar o filme, ajudando os/as estudantes a entenderem as relações entre a produção cinematográfica, o contexto político e econômico, e como esses fatores podem influenciar a narrativa apresentada no filme.

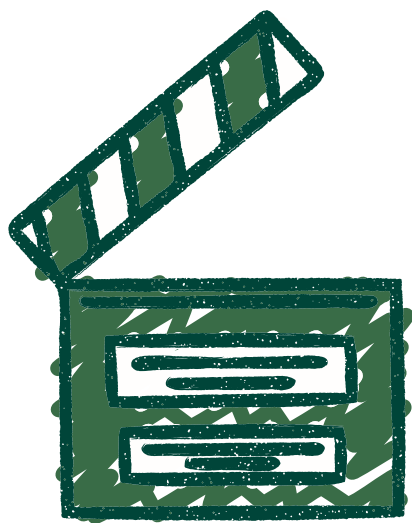
Esse tipo de abordagem crítica prepara os/as estudantes para uma análise mais aprofundada do conteúdo, permitindo que eles compreendam não apenas a história contada, mas também as forças culturais, econômicas e políticas que moldaram a obra. Dessa forma, o uso do cinema em sala de aula vai além da mera exibição de filmes, tornando-se uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento do pensamento crítico e da análise contextual.

Na seleção dos trechos a serem exibidos, é crucial que o professor os avalie previamente, assegurando-se de que se conectem ao conteúdo escolar e proporcionem boas oportunidades pedagógicas. O filme deve ser visto como uma ferramenta para explorar temas históricos, e não como um retrato fiel da realidade. O/A professor/a deve estimular os/as discentes a refletirem sobre a forma como os eventos e personagens são apresentados no filme, questionando as interpretações e as escolhas narrativas.

No caso dos documentários, é essencial estar atento à forma como eles são percebidos pelos/as discentes, pois muitos tendem a considerá-los como relatos mais fiéis à realidade, em contraste com os filmes do gênero de ficção, drama, romance ou guerra, por exemplo. No entanto, é importante que o documentário também seja submetido a questionamentos, assim como os filmes de

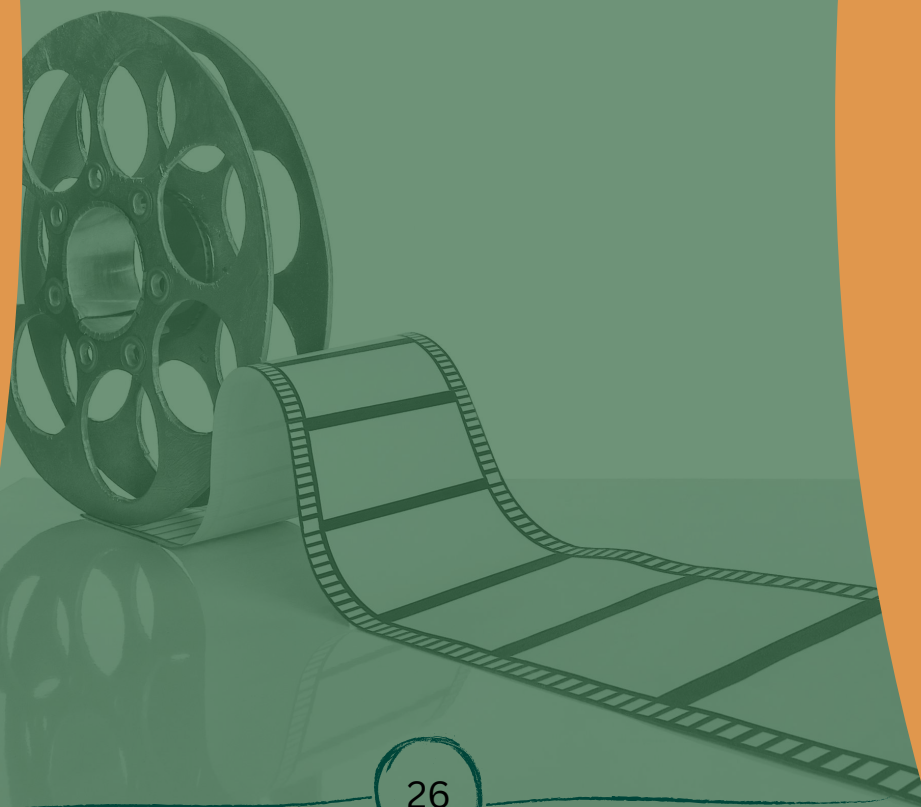
ficção. Isso se deve ao fato de que o documentário, apesar de seu caráter informativo, é uma obra que também passa por decisões de direção e roteiro, envolvendo escolhas que refletem a subjetividade do cineasta.

Ampliar a visão crítica dos/as estudantes para que compreendam essas nuances é crucial no uso do cinema em sala de aula. É necessário desconstruir a ideia de que o documentário é uma representação objetiva e fiel dos fatos e fomentar a análise sobre as escolhas narrativas, as ausências e os enfoques que o filme adota. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove o desenvolvimento de um olhar mais crítico e reflexivo em relação ao que é exibido nas telas.



“O documentário, mesmo o mais didático e voltado para o público escolar, é um gênero de filme que implica um conjunto de regras de linguagem para a elaboração do roteiro, técnicas de filmagem, princípios de montagem e edição, ou seja, implica um conjunto de escolhas dos profissionais envolvidos na sua realização [...].”

Marcos Napolitano



As legislações educacionais

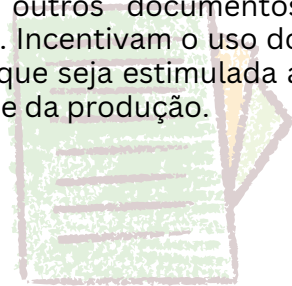
Para contribuir com o trabalho docente e respaldar suas práticas pedagógicas, serão apresentados alguns dispositivos legais que oferecem suporte aos/as professores/as no ensino de História de África por meio da cinematografia, promovendo um ensino mais plural e alinhado às demandas do presente.

É importante que o/a docente conheça tais legislações, para enriquecer suas atividades educativas, combater o racismo e preconceitos históricos e contribuir para uma sociedade que valoriza a sua memória e as contribuições de africanos e afro-brasileiros. Os dispositivos legais selecionados buscam respaldar a prática docente, a partir de leis e propostas curriculares que circulam em âmbitos nacional, estadual e municipal. Afinal, este produto educacional está alinhado a tais diretrizes, oferecendo uma abordagem prática para a integração do cinema como recurso pedagógico.



Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Mesmo que de forma abreviada, os PCNs (Brasil, 1998) fornecem algumas iniciativas a respeito da problematização e inserção dos conteúdos relacionados à história de África no currículo escolar, questões que começaram a ser exploradas em outros documentos educacionais, ao longo do século XXI. Incentivam o uso do cinema em sala de aula, de maneira que seja estimulada a reflexão crítica acerca das narrativas e da produção.





Lei nº 10.639/2003

Incluiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira (Brasil, 2003). Assim, em 09 de janeiro de 2003, foram acrescentadas à Lei de Diretrizes e Bases (LDB) determinações quanto ao conteúdo programático sobre o povo negro na história do Brasil, além da inclusão do dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” no calendário escolar (Brasil, 2003).



Lei nº 13.006/2014

Altera a Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996) e referencia o uso do cinema em sala de aula como ferramenta pedagógica, tornando obrigatória a exibição de filmes nacionais por, no mínimo, duas horas mensais. Dessa maneira, ainda que a lei seja voltada para a cinematografia nacional e o incentivo à indústria brasileira de cinema, também endossa a potência do cinema em sala de aula.



Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

No que diz respeito ao componente curricular da História, o documento frisa que, no Ensino Fundamental, é essencial que o/a estudante desenvolva a capacidade de analisar, comparar, interpretar e contextualizar os eventos históricos, a fim de que possa construir uma atitude historiadora, de forma autônoma e crítica (Brasil, 2018). Além disso, a BNCC inclui em seu texto uma observação quanto a história de povos africanos e afro-brasileiros, a partir das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

Em relação ao continente africano, nos conteúdos curriculares do 9º ano do Ensino Fundamental, parte-se dos desdobramentos do imperialismo, a crise do colonialismo em África, com destaque para a emergência dos nacionalismos africanos, bem como os processos de descolonização no continente.



Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA)

Elaborado em 2019, serve como base para as escolas das redes pública e privada e está fundamentado na BNCC (Brasil, 2018). Para os anos finais do Ensino Fundamental, o DCTMA determina a valorização das produções culturais tanto de África e Ásia quanto da Europa, a fim de que os/as estudantes “tomem consciência de que a memória e a história são produzidas a partir de diferentes perspectivas e interpretações” (Brasil, 2019, p. 439).



Proposta Curricular da Educação Infantil e Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de São Luís-MA

Publicado em 2023, aborda a colonização e descolonização de África principalmente por meio do tema integrador dos direitos humanos. Quanto às metodologias, o uso do cinema como ferramenta pedagógica é destacado principalmente nas áreas de Linguagens (Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Arte), sugerindo exibição e análise de audiovisual. No entanto, no componente de História, o cinema é mencionado apenas como uma estratégia avaliativa, sem maior ênfase no processo de ensino.

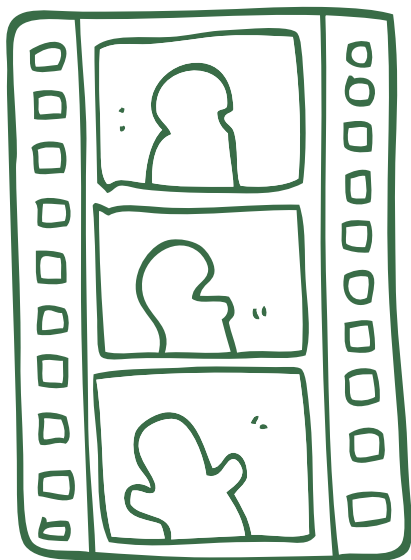
Como (não) usar o cinema em sala de aula

O historiador Marcos Napolitano (2003) alerta para alguns usos inadequados do cinema em sala de aula, que devem ser evitados para garantir que o filme cumpra um papel pedagógico significativo. Um exemplo comum de uso inadequado é o que ele chama de “vídeo tapa-buraco”. Isso ocorre quando o filme é exibido apenas para preencher o horário, sem um planejamento ou propósito pedagógico claro, como quando um professor falta ou surge um imprevisto. Nesse contexto, o filme é apenas exibido, sem aprofundamento ou discussão, o que leva os/as estudantes a perceberem o cinema como uma atividade sem valor educacional, associando-o à ideia de “enrolação”. Em consequência, muitos estudantes podem ver o uso do filme como um sinônimo de “falta de aula” e, por isso, desvalorizam essa ferramenta pedagógica.

Outro uso inadequado que Napolitano (2003) destaca é quando o filme não tem uma relação próxima com o conteúdo curricular. Isso o transforma em um mero preenchimento de tempo, sem conexão com os objetivos de aprendizagem. É importante que o filme tenha relevância para o componente curricular e que seja integrado à abordagem pedagógica planejada.



Há ainda o que ele chama de “vídeo deslumbramento” (Napolitano, 2003, p. 34), que é quando o/a professor/a exagera no uso do cinema, exibindo filmes em praticamente todas as aulas, sem equilibrar com outras atividades didáticas. Essa prática desvia o foco de outras formas de ensino igualmente importantes, criando uma dependência



excessiva do cinema.

Outro erro é o uso do “vídeo perfeição”, onde o filme é tratado como uma representação impecável da realidade ou do conteúdo abordado, sem ser submetido a questionamentos. Nessa situação, o/a professor/a não explora possíveis problematizações do filme, como anacronismos ou interpretações enviesadas da história, aceitando-o de forma acrítica.

Por fim, Napolitano (2003) critica o uso de filmes que são exibidos sem qualquer exploração pedagógica posterior. Simplesmente mostrar o filme, sem discussão, reflexão ou atividades relacionadas, o que reduz o impacto educacional que o cinema pode ter.

Para evitar esses usos inadequados, o autor sugere que o cinema seja utilizado como uma ferramenta que instigue a curiosidade e o senso crítico dos/as discentes. A exibição deve ser acompanhada de intervenções pedagógicas que promovam debates, análises e conexões com o conteúdo curricular, assegurando que o filme seja um meio de aprofundamento e não apenas uma distração.

Portanto, uma maneira de desenvolver a atividade de maneira crítica é: antes de atribuir o filme, o/a professor/a pode orientar os/as estudantes a

observarem cuidadosamente certos aspectos durante as projeções, por exemplo, o contexto histórico retratado, as falas dos personagens e o modo como as cenas foram representadas. Esse procedimento ajuda a direcionar o olhar dos estudantes, tornando a experiência mais reflexiva e organizada. Após o filme, o/a professor/a pode estimular discussões em sala, permitindo que os/as estudantes compartilhem suas observações de forma oral ou escrita.



A avaliação

A avaliação dessas atividades pode ser feita de várias formas. O professor pode solicitar que os/as estudantes respondam às perguntas oralmente, promovendo uma discussão coletiva, ou pedir que registrem suas respostas no caderno. Outra possibilidade é pedir que eles/elas expressem suas interpretações através de desenhos, ou dividam-se em grupos para discutir e expor as suas opiniões (Napolitano, 2003, p. 59). O/A professor/a também pode fornecer textos curtos relacionados ao conteúdo do filme, possibilitando a comparação entre o filme e o material escrito, incentivando uma análise mais crítica (Napolitano, 2003, p. 59).

Caso o filme seja atribuído como tarefa para casa, os/as discentes podem ser orientados/as a fazer anotações ou

registrar suas impressões para posterior discussão em sala. Isso permite que as suas percepções sejam compartilhadas coletivamente, mesmo quando a exibição não ocorre no ambiente escolar.

Além disso, para aprofundar o aprendizado, os/as discentes podem ser incentivados a realizar pesquisas complementares e produzir textos dissertativos sobre o tema abordado no filme, relacionando o conteúdo com o currículo escolar. Essas diferentes abordagens asseguram que a atividade com o filme não apenas enriqueça o conteúdo escolar, mas também promova uma reflexão crítica, colaborativa e criativa entre os estudantes.

Preparando a sessão: tudo no lugar?

- ✓ Verificar tempo de atividade;
- ✓ Verificar disponibilidade e funcionamento dos equipamentos;
- ✓ Investigar a respeito da direção/produção do filme;
- ✓ Adequar a duração do filme e selecionar as cenas que serão trabalhadas;
- ✓ Contextualizar a obra e oferecer sinopse, antes da exibição;
- ✓ Exibição do filme;
- ✓ Avaliação.



3

QUAIS FILMES DE MOÇAMBIQUE E SENEGAL POSSO UTILIZAR NAS AULAS DE HISTÓRIA?

Nesta seção, serão apresentadas referências de filmes moçambicanos e senegaleses que podem ser utilizados pelos/as professores/as em sala de aula para abordar o tema da descolonização do continente africano. Esses filmes, produzidos por cineastas que vivenciaram e representaram a realidade local, são valiosas ferramentas pedagógicas para discutir os processos históricos, políticos, sociais e culturais da descolonização. A seleção inclui três obras de Moçambique e três de Senegal, que possibilitam uma reflexão profunda sobre o contexto vivenciado nesses países durante esse período.

São apresentados aspectos como gênero, direção, prêmios e sinopse, além de sugestões de cenas que podem fomentar discussões críticas em sala de aula, relacionando-as ao contexto pós-colonial em África.

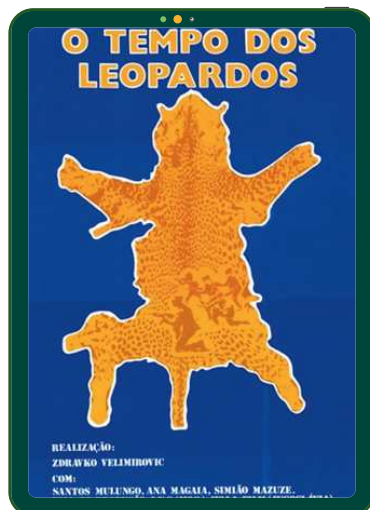
Os filmes foram escolhidos com base na sua repercussão dentro da cinematografia de seus respectivos países e na importância de seus diretores. No entanto, isso não significa que outros/as cineastas ou obras não sejam igualmente relevantes. A escolha reflete apenas um recorte de algumas produções de Moçambique e de Senegal, sem esgotar a vasta gama de filmes que podem ser igualmente valiosos sobre esses dois contextos para enriquecer as discussões sobre o tema.

O TEMPO DOS LEOPARDOS



Ficha técnica

- **Gênero:** Drama.
- **Duração:** 91 minutos.
- **Ano de lançamento:** 1985.
- **Direção:** Zdravko Velimirovic.
- **Produção:** Mihajlo Rasic e Luís Simão.
- **Produtoras:** Instituto Nacional de Cinema e Avala Film – Belgrado.
- **Principais prêmios:** Não foram encontrados registros de premiações ou festivais de cinema nos quais a obra concorreu.



Sinopse


Considerado o primeiro filme de ficção produzido por Moçambique, a obra foi inspirada em relatos sobre a luta armada de libertação de Moçambique e apresenta os entraves entre os guerrilheiros da FRELIMO e os portugueses, na década de 1970. Nesse contexto, dois amigos de infância se deparam. De um lado, Pedro (Santos Mulungo), líder dos combatentes moçambicanos, que atende pelo codinome de Leopardo, e, do outro, Armando (Armando Loja), major das forças armadas colonialistas. Nesse reencontro, ambos estão em lados opostos da guerra.

O filme *O tempo dos leopardos* (1985) retrata o contexto pós-colonial da luta pela independência, focando nos combatentes moçambicanos contra o exército colonial português. Esse cenário pode ser explorado em sala de aula com base em cenas-chave do filme. Duas cenas merecem destaque. A primeira é o discurso dos combatentes da FRELIMO, que, ao recorrerem à luta armada, enxergam nesse processo o único caminho para alcançar a libertação.

O intuito da luta armada



Fonte: *O Tempo dos Leopardos*, direção de Licínio Azevedo, 1985



“O nosso povo já pagou por tudo isso, mais de 100 vezes. Não queremos mais a vossa bota sobre nossas cabeças, a bota fascista.”

O tempo dos leopardos (1985, 01:21:41).

A segunda cena refere-se ao diálogo entre o protagonista, Pedro, e o Sargento Armando, um ex-amigo, que agora luta pelo exército português. Nesse diálogo, fica clara a tensão entre os colonizadores que resistem à independência e os moçambicanos que anseiam por liberdade e emancipação política. Essas cenas oferecem material rico para discussões sobre a persistência do colonialismo e o desejo dos povos colonizados por autodeterminação. Além disso, o filme como um todo apresenta uma dualidade marcante entre a opressão colonial e a luta pela libertação, o que pode ser muito bem explorado em debates críticos sobre o processo de descolonização.

Diálogo entre Pedro e Armando



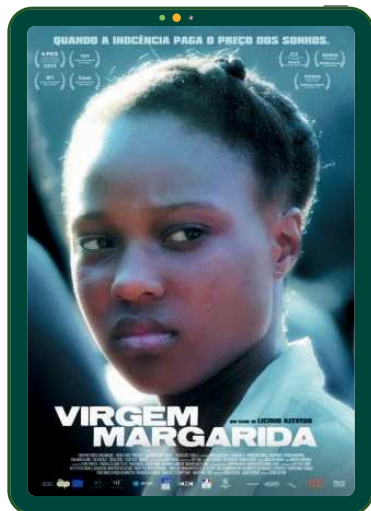
Fonte: *O tempo dos leopardos*, direção de Licínio Azevedo, 1985

VIRGEM MARGARIDA



Ficha técnica

- **Gênero:** Drama.
- **Duração:** 84 minutos.
- **Ano de lançamento:** 2012.
- **Direção:** Licínio Azevedo.
- **Produção:** Pedro Pimenta, Pandora da Cunha Telles, Pablo Iraola, Jacques Bidou, Marianne Dumoulin e Mariano Bartolomeu.
- **Produtoras:** IÉbano Multimedia, Ukbar Filmes, JBA Production e Dreadlocks
- **Principais prêmios:** Prêmio do Público e Menção Honrosa – Amiens, International Film Festival, 2012 e Prêmio de melhor longa-metragem de ficção – Festival Internacional de Cinema de Argel, 2013.



Sinopse

O filme narra a história de Margarida (Sumeia Maculuva), uma jovem camponesa, analfabeta, de 16 anos, levada por engano a um campo de reeducação para prostitutas no interior de Moçambique. Ambientada no pós-independência, a obra retrata o governo de Samora Machel e seu programa de combate aos resquícios do colonialismo, incluindo o combate à prostituição. Como parte da “limpeza social”, mulheres consideradas de má vida eram enviadas aos campos para assimilar a ideologia do novo governo, sendo também submetidas a castigos físicos.

Virgem Margarida (2012) possibilita a realização de debates sobre a experiência política de Moçambique após a independência, sob o governo da FRELIMO. A construção da identidade nacional perpassava pelo abandono da estrutura colonial, a fim de emergir uma nação moderna, distante do que foi considerado tradicional e obscurantista.

A primeira cena do filme retrata um grupo de pessoas, transportadas em um caminhão, cantarolando e segurando faixas com lemas que marcaram o período de luta pela independência. Frases como “A luta continua”, “Unidade - Trabalho - Vigilância” e “Independência ou morte”, demonstram que a luta pela independência deveria ser um processo contínuo, uma conquista que teria como desdobramento a ruptura com o pensamento colonial.

Populares com faixas em *Virgem Margarida* (2012)




Fonte: *Virgem Margarida*, direção de Licínio Azevedo, 2012

Outro aspecto que pode ser abordado junto aos/às discentes é a contradição do governo independente, que adotou práticas opressoras com o intuito de alcançar o ideal de “homem novo”.

Segundo a FRELIMO, essa categoria direcionava-se a homens e mulheres e representava a nova sociedade. O “homem novo” deveria ser um aliado da luta pela libertação, priorizaria a ciência, a educação e a modernidade. Tudo que remetesse ao colonizador, seria eliminado. Por isso, houve políticas governamentais para retirar pessoas “improdutivas” do ambiente urbano. Aquelas que não comprovassem seu vínculo profissional, eram levadas para campos de trabalho, sob o argumento de romper imediatamente com práticas indesejáveis, outros grupos foram igualmente repudiados, como curandeiros e prostitutas.

No caso das prostitutas, os campos de reeducação eram locais afastados dos centros urbanos, para onde as mulheres eram levadas de forma coercitiva. Ali, poderiam sofrer castigos físicos e deveriam aprender sobre novas condutas e os ideais desenhados pela FRELIMO, a fim de transformarem-se em novas mulheres, responsáveis pelos cuidados de seus filhos.

Nota-se que, para garantir a unidade nacional, o Estado buscava homogeneizar o povo moçambicano, reduzir a diversidade de línguas existentes ao português do colonizador, promovendo a eliminação de qualquer forma de segregação baseada na divisão étnica, na religião e em outras práticas culturais ou formas de organização social. No entanto, a erradicação desses costumes enfrentou desafios, pois faziam parte do modo de vida da maior parte da população, predominantemente rural.



“Não sabem varrer, não sabem cozinhar, não sabem fazer coisas que uma mulher, uma mãe, deve saber. Nós iremos vos ensinar. Sairão daqui mulheres transformadas, com cabeças bem limpas! E quando se transformarem, serão libertadas, para poder servir o país, servir vossos maridos, formarem família [...].”

Virgem Margarida (2012, 00:23:54)

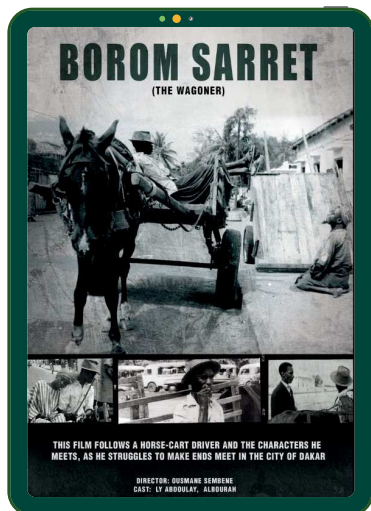
O CARROCEIRO



Ficha técnica

- **Gênero:** Drama.
- **Duração:** 20 minutos.
- **Ano de lançamento:** 1963.
- **Direção:** Ousmane Sembène.
- **Produção:** Ousmane Sembène.
- **Produtoras:** Les Actualités Françaises; Films Domirev e Ministère Coopération.
- **Principais prêmios:** Não foram encontrados registros de premiações ou festivais de cinema nos quais a obra concorreu, porém, destaca-se

a homenagem feita ao filme, na seção Cannes Classics, do Festival de Cannes, em 2013.



Sinopse

Considerado o primeiro filme africano, realizado por um africano, o enredo apresenta o dia de trabalho de um carroceiro (Ly Abdoulaye), que consiste em levar passageiros aos diversos pontos da cidade, na sua carroça. Em uma de suas viagens, desloca-se até a zona urbana, onde seu veículo não é permitido. Ali, é envolvido pelo contraste social pós-colonial. Após uma série de contratempos, o protagonista volta para casa, sem dinheiro, sem carroça e sem esperança.

Na sala de aula, *O carroceiro* (1963) pode ser utilizado para dialogar a respeito da sociedade senegalesa após a independência. Na obra, Ousmane Sembène tece críticas às desigualdades sociais presentes no país, por meio das críticas que o protagonista faz em relação aos passageiros, que raramente conseguem pagar por seu traslado. Essa estrutura pode ser desenvolvida, junto aos/às discentes, como uma herança do colonialismo.

Os reflexos desse período também podem ser verificados nas paisagens apresentadas nos filmes, que transitam entre o vilarejo, ponto de partida do carroceiro, até a cidade. A região habitada pelo carroceiro é composta por casas mais simples, pessoas com trabalho informal (a exemplo do protagonista), enquanto que o espaço urbano remete à modernidade, com a presença de automóveis, prédios luxuosos e a presença da organização do Estado, representado pelo guarda de trânsito.

As viagens do carroceiro



Fonte: *O carroceiro*, direção de Ousmane Sembène, 1963

Além dos bairros, a contraposição da sociedade senegalesa pode ser observada também nas vestimentas, o que abre espaço para a discussão de conceitos como “tradição” e “modernidade”. Tais conceitos não devem ser interpretados como antagônicos, tampouco de modo hierárquico, como se a tradição fosse inferior ao moderno.

Deve-se observar que esse contraste foi reforçado pela lógica colonialista, que associava as noções de progresso e civilização à modernidade. O julgamento de valor favorecia o moderno, considerando a tradição como algo ultrapassado. A modernidade, vista pelo Ocidente como uma linha de progresso, chegou à África com o colonialismo e encontrou um contexto favorável para se expandir como um projeto social após as independências dos países africanos.

Carroças não são permitidas na cidade!



Fonte: *O carroceiro*, direção de Ousmane Sembène, 1963

“[...] É isso! Isso é a vida moderna. É a vida nesse país. [...] Ontem foi igual... antes de ontem foi igual... nós trabalhamos por nada!”

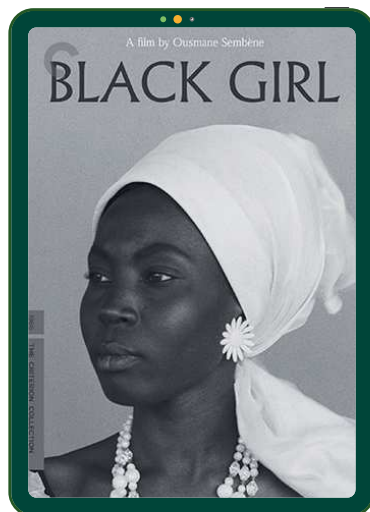
O carroceiro (1963, 00:17:05)

A NEGRA DE...



Ficha técnica

- **Gênero:** Drama.
- **Duração:** 60 minutos.
- **Ano de lançamento:** 1966.
- **Direção:** Ousmane Sembène.
- **Produção:** Ousmane Sembène.
- **Produtoras:** Les Actualités Françaises; Films Domirev; Ministère Coopération.
- **Principais prêmios:** Prêmio Jean Vigo – Festival de Cinema de Cannes, 1966 e Prêmio Tanit d'Or – Festival de Cinema de Cartago, 1966.



Sinopse

Diouana (Mbissine Thérèse Diop) é uma jovem senegalesa em busca de trabalho. Ao receber a proposta de uma família francesa, para cuidar de seus filhos, parte para a Europa. No entanto, ao chegar na França, é privada de sua liberdade e obrigada a realizar todos os serviços domésticos. Frustrada, questiona seu lugar social e os motivos que a levaram até ali.

Ao desenvolver temáticas como colonialismo, imperialismo e independências de África no Ensino Fundamental, é oportuno fazer uso de *A negra de...* (1966) para questionar as dificuldades enfrentadas pela sociedade senegalesa contemporânea. Afinal, mesmo com a emancipação política, o racismo e a pobreza revelam-se enquanto herança colonial.

Na narrativa, Diouana é submetida aos valores europeus, sendo forçada a adequar-se às normas sociais da família francesa. Um símbolo que evidencia essa relação é a máscara que Diouana presenteia a família. Para ela, o objeto carregava o significado de sua cultura e ancestralidade, enquanto que, para os franceses, era mais um objeto decorativo a ser exposto na parede. Por meio desse contraste, Sembène constrói uma crítica contundente à dominação europeia e à apropriação superficial das culturas africanas.

O presente de Diouana



Fonte: *A negra de...*, direção de Ousmane Sembène, 1966

Ali, a jovem é vista como algo exótico, o que é percebido na cena em que é obrigada a cozinhar e servir aos amigos de seus chefes. Um dos homens presentes levanta-se e beija o rosto da moça, alegando que nunca beijara uma mulher negra.

O racismo e a desumanização de Diouana perduram durante sua estadia na Europa, levando-a aos questionamentos sobre a perda da identidade cultural, o frustrado sonho europeu e a inferiorização de sua posição social.

A obra também pode auxiliar a estabelecer paralelos entre a imigração e as condições de trabalho em Senegal, na década de 1960, e o contexto atual, a fim de compreender os entraves na integração de africanos/as na Europa e a exploração laboral.

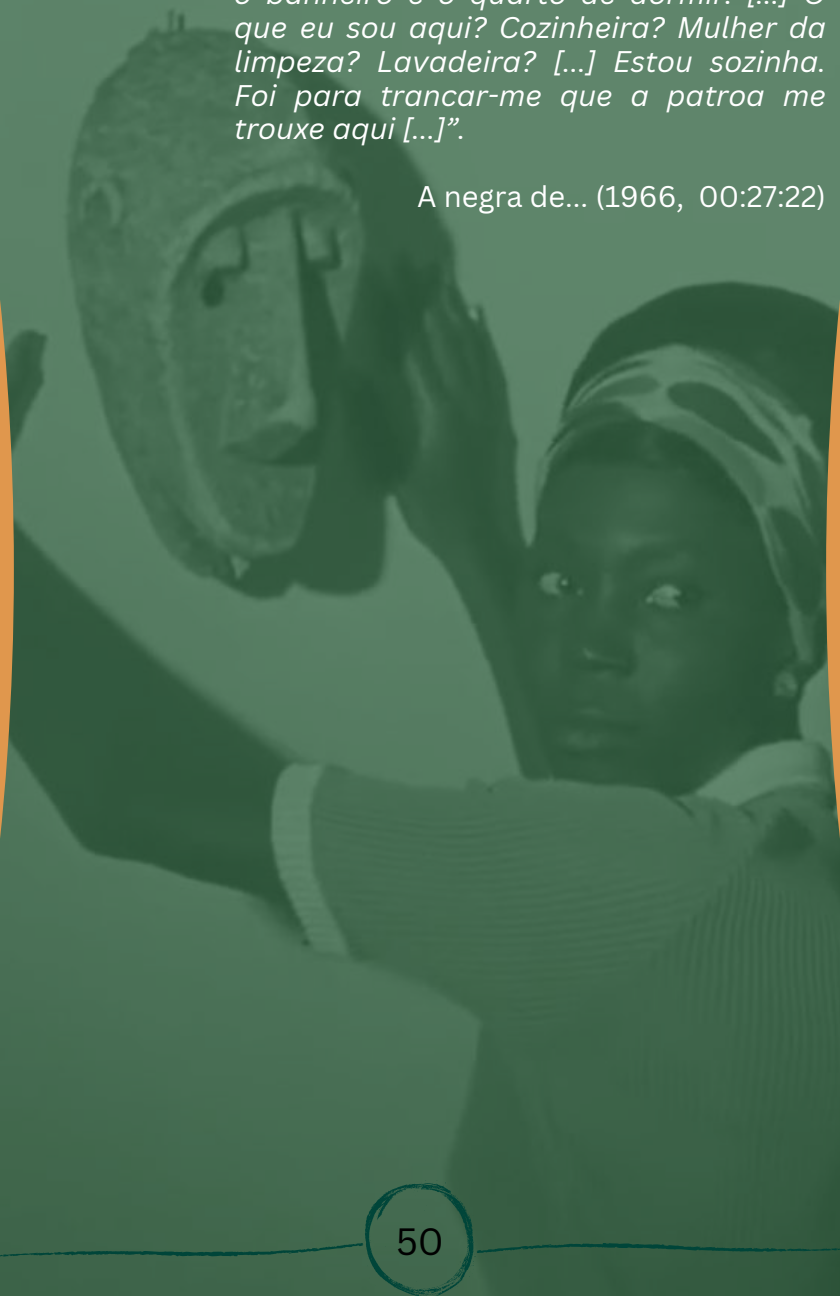
O incômodo de Diouana



Fonte: *A negra de...*, direção de Ousmane Sembène, 1966

“O que devem estar pensando de mim em Dakar? ‘Diouana é feliz na França. Vive bem’. A França aqui é a cozinha, a copa, o banheiro e o quarto de dormir. [...] O que eu sou aqui? Cozinheira? Mulher da limpeza? Lavadeira? [...] Estou sozinha. Foi para trancar-me que a patroa me trouxe aqui [...]”.

A negra de... (1966, 00:27:22)



SUGESTÕES DE PLANO DE AULA



VIRGEM MARGARIDA - INFORMAÇÕES SOBRE A OBRA

Filme selecionado	Virgem Margarida
Gênero	Drama
Duração	85 minutos
Ano de lançamento	2012
Direção	Licínio Azevedo
Produção	Pedro Pimenta, Pandora da Cunha Telles, Pablo Iraola, Jacques Bidou, Marianne Dumoulin e Mariano Bartolomeu
Produtoras	Ébano Multimedia, Ukbar Filmes, JBA Production e Dreadlocks
Principais prêmios	Prêmio do Público e Menção Honrosa – Amiens, International Film Festival, 2012 e Prêmio do Cineport – Portuguese, Prêmio de melhor longa-metragem de ficção – Festival Internacional de Cinema de Argel, 2013
Síntese	O filme narra a história de Margarida (Sumeia Maculova), uma jovem camponesa, analfabeta, de 16 anos, levada por engano a um campo de reeducação para prostitutas no interior de Moçambique. Ambientada no pós-independência, a obra retrata o governo de Samora Machel e seu programa de combate aos resquícios do colonialismo, incluindo o combate à prostituição. Como parte da “limpeza social”, mulheres consideradas de má vida eram enviadas aos campos para assimilar a ideologia do novo governo, sendo também submetidas a castigos físicos.

A SESSÃO DE CINEMA

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a cinematografia moçambicana como um recurso pedagógico capaz de elucidar a história de Moçambique pós-colonial presente no currículo escolar da Educação Básica. Realizar sessão de cinema com o filme <i>Virgem Margarida</i> (2012), acompanhada de debates críticos sobre o contexto histórico de Moçambique após a independência.
Objetos de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> O colonialismo na África; As guerras mundiais, a crise do colonialismo e o advento dos nacionalismos africanos e asiáticos; Os processos de descolonização na África e na Ásia.
Habilidades	<ul style="list-style-type: none"> (EF09HI14) Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais. (EF09HI31) Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.
Formato proposto	Exibição das principais cenas do filme, previamente selecionadas pela professora mediadora. Em seguida, ocorre o debate com os alunos e alunas, com base no que foi exposto.
Duração	<p>100 minutos, divididos (aproximadamente) em:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organização do material em sala de aula (5 min) - Apresentação da sessão de cinema (5 min) - Apresentação das informações do filme (10 min) - Introdução sobre o contexto histórico abordado pela obra (15 min) - Exibição das cenas do filme (25 min) - Discussão após o filme (25 min) - Tempo extra, caso necessário (15 min)
Cenas selecionadas	<p>Minutagem e síntese da cena, por exemplo:</p> <p>03:43 – 06:15 (Apreensão das prostitutas e de Margarida por policiais)</p> <p>06:55 – 07:25 (Deslocamento das mulheres para a zona rural)</p> <p>11:35 – 16:22 (Apresentação da personagem Maria João e chegada das prostitutas ao campo de reeducação)</p>
Avaliação	Perguntas orais a partir de roteiro de questões elaborado previamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANTANHEDE, Itamiris Cantanhede e. **Mulheres transformadas, com cabeça bem limpas**: Moçambique independente e o combate à prostituição pelas lentes de A última prostituta (1999) e Virgem Margarida (2012), 2022, 104 f. Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2022.

FERREIRA, Carolin Overhoff. Introdução. In: _____. **África**: um continente no cinema. São Paulo: Editora Unifesp, 2014, p. 09-16.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LANÇA, Marta. Reeducação de Mulheres, entrevista a Licínio Azevedo sobre o filme "Virgem Margarida". Publicado por **Buala**, Lisboa, em 10 set. 2012. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/afroscreen/reeducacao-de-mulheres-entrevista-a-licinio-azevedo-sobre-o-filme-irgem-margarida>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MACHEL, Samora. A libertação da mulher é uma necessidade da Revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo. **Coleção Estudos e Orientações**. Maputo: República Popular de Moçambique, 1979.

MANJATE, Teresa. Virgem Margarida e A Última Prostituta: a morte das fronteiras entre o documentário e a ficção? **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.9, n.17. p. 112-121, jul/dez, 2017.

MARTINS, Gisele Meneses. **A utilização do cinema no ensino de história**: o Filme *Virgem Margarida* e a Política Sociocultural em Moçambique Pós-Independência. 2020. Dissertação. (Mestrado em Ensino de História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Rio de Janeiro, 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: NÓVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção (Org.). **Cinema-história**: teoria e representações sociais no cinema. 3.ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012, p. 19-54.

PEREIRA, Ana Cristina. **Alteridade e identidade na ficção cinematográfica em Portugal e em Moçambique**. 2019. Tese. (Doutorado em Estudos Culturais). Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2019.

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulher e notícias**: os discursos sobre as mulheres de Moçambique na revista Tempo (1975-1985). 2006. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2006.

THOMAZ, Omar Ribeiro. "Escravos sem dono": a experiência social dos campos de trabalho uma abordagem conceitual. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 15, 2016, Universidade de São Paulo, São Paulo. **Anais...**, 2007, p. 177-214.

OUTRAS REFERÊNCIAS

FILMOGRAFIA

VIRGEM Margarida. Direção: Licínio Azevedo. Produção: Ébano Multimedia, 2012. 1 vídeo (83 min). Publicado pelo canal Fernando Gil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?=-6dj_eaBqBc. Acesso em: 10 set. 2023.

O TEMPO DOS LEOPARDOS - INFORMAÇÕES SOBRE A OBRA

Filme selecionado	O tempo dos leopardos
Gênero	Drama
Duração	91 minutos
Ano de lançamento	1985
Direção	Zdravko Velimirovic
Produção	Mihajlo Rasic e Luís Simão
Produtoras	Instituto Nacional de Cinema e Avala Film – Belgrado
Principais prêmios	Não foram encontrados registros de premiações ou festivais de cinema nos quais a obra concorreu
Sinopse	Considerado o primeiro filme de ficção produzido por Moçambique, a obra foi inspirada em relatos sobre a luta armada de libertação de Moçambique e apresenta os entraves entre os guerrilheiros da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e os portugueses, na década de 1970. Nesse contexto, dois amigos de infância se deparam. De um lado, Pedro (Santos Mulungo), líder dos combatentes moçambicanos, que atende pelo codinome de Leopardo, e, do outro, Armando (Armando Loja), major das forças armadas colonialistas. Nesse reencontro, ambos estão em lados opostos da guerra.

A SESSÃO DE CINEMA

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a cinematografia moçambicana como um recurso pedagógico capaz de elucidar a história de Moçambique pós-colonial presente no currículo escolar da Educação Básica. Realizar sessão de cinema com o filme <i>O tempo dos leopardos</i> (198, acompanhada de debates críticos sobre o contexto histórico de Moçambique após a independência.
Objetos de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> O colonialismo na África; As guerras mundiais, a crise do colonialismo e o advento dos nacionalismos africanos e asiáticos; Os processos de descolonização na África e na Ásia.
Habilidades	<ul style="list-style-type: none"> (EF09HI14) Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais. (EF09HI31) Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.
Formato proposto	Exibição das principais cenas do filme, previamente selecionadas pela professora mediadora. Em seguida, ocorre o debate com os alunos e alunas, com base no que foi exposto.
Duração	<p>100 minutos, divididos (aproximadamente) em:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organização do material em sala de aula (5 min) - Apresentação da sessão de cinema (5 min) - Apresentação das informações do filme (10 min) - Introdução sobre o contexto histórico abordado pela obra (15 min) - Exibição das cenas do filme (36 min) - Discussão após o filme (25 min)
Cenas selecionadas	<p>Minutagem e síntese da cena, por exemplo:</p> <p>00:00 – 10:00 (Apresentação dos créditos do filme e a respeito dos personagens Pedro e Major Armando)</p> <p>16:50 – 21:15 (Apresentação do grupo de guerrilheiros e seus ideais pela libertação do país / diálogo entre Pedro e grupo de pessoas mais velhas)</p> <p>30:40 – 31:47 (Apresentação dos personagens Januário e Ana, membros da FRELIMO e importantes para entender a composição do grupo de guerrilheiros)</p>
Avaliação	Perguntas orais a partir de roteiro de questões elaborado previamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **Cinema e história** - as funções do cinema como agente, fonte e representação da história. *Ler História*, 52, 2007, p. 127-159.

CANTANHEDE, Itamiris Cantanhede e. **Mulheres transformadas, com cabeça bem limpas:** Moçambique independente e o combate à prostituição pelas lentes de A última prostituta (1999) e Virgem Margarida (2012), 2022, 104 f. Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2022.

CUCO, Arcênio Francisco. FRELIMO: de um movimento revolucionário a partido político. **REVISTA NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses)**, Curitiba, v.2, n.2, 2016, p. 137-152.

FRANÇA, Alex Santana. A produção documentarista de Licínio Azevedo: imagens, discursos e narrativas moçambicanas do pós-independência. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.9, n.17, 2017, p. 99-111.

GALLO, Fernanda. A história moçambicana através das telas do cinema. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá-MT, vol. 7, n.1, 2020, p. 170-190.

MORAES, Kleiton de Sousa. Cinema e autoridade no ensino de História da África. In: Franck Ribard. (Org.). **Palavras e imagens de um encontro em torno do cinema africano**. 1ed. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2018, v., p. 89-101.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: Carla Bassanezi Pinsky. (Org.). **Fontes Históricas**. 2ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 235-290.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: NÓVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção (Org.). **Cinema-história: teoria e representações sociais no cinema**. 3.ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012, p. 19-54.

PEREIRA, Ana Cristina. **Alteridade e identidade na ficção cinematográfica em Portugal e em Moçambique**. 2019. Tese. (Doutorado em Estudos Culturais). Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2019.

SECCO, Carmen Tindó; LEITE, Ana Mafalda; PATRAQUIM, Luís Carlos (org.). **CineGrafias Moçambicanas: memórias & crônicas & ensaios**. São Paulo: Kapulana, 2019.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012.

OUTRAS REFERÊNCIAS

FILMOGRAFIA

O TEMPO dos leopardos. Direção: Zdravko Velimirovic. Produção: Instituto Nacional de Cinema e Avala Film – Belgrado, 1985. 1 vídeo (91min). Publicado pelo canal Makwayela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LO1JU2KCqik>. Acesso em: 20 set. 2023.

CONSIDERAÇÕES DOS/AS DOCENTES



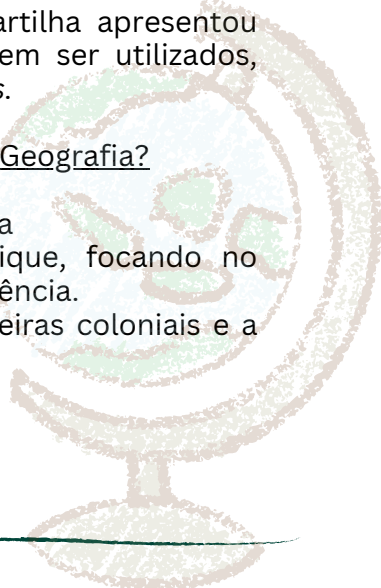
Para promover a interdisciplinaridade no uso desse material, foi realizada a avaliação de suas potencialidades, limitações e aplicabilidade por professores/as das áreas de Ciências Humanas e Linguagens. A seguir, são apresentadas suas considerações sobre o uso desse recurso nos componentes curriculares de Geografia, Língua Portuguesa e História.

Aplicação do material na Geografia

“O produto digital mostra-se muito didático por suas possíveis aplicações no ensino de Geografia sobre o continente africano. Vale ressaltar que o uso do cinema como proposta pedagógica no ensino é indispensável, tendo em vista a importância da ludicidade como subsídio para a educação na rede básica. A cartilha apresentou algumas sugestões de filmes que podem ser utilizados, sendo um deles *O Tempo dos Leopardos*.

Como aplicar este filme em uma aula de Geografia?

1. Contextualização histórica e geográfica
 - Apresentar a história de Moçambique, focando no período colonial e na luta pela independência.
 - Utilizar mapas para ilustrar as fronteiras coloniais e a geografia do país.



2. Análise das cenas principais e discussões sobre:

- Motivos que levaram à luta armada.
- Condições sociais e políticas da época.
- Impacto da guerra nas relações pessoais das comunidades.
- Reflexão sobre como a geografia influencia as vidas dos personagens.

3. Relação entre a Geografia e o conflito:

- Analisar os impactos geográficos da guerra em Moçambique:
- Áreas mais afetadas e suas consequências atuais.
- Comparar com conflitos contemporâneos em outras regiões do mundo.

4. Atividades Práticas

- Organizar um debate entre grupos (FRELIMO vs. Forças Coloniais).
- Discussão sobre motivações de cada lado do conflito.
 - Como a Geografia influencia conflitos humanos, usando exemplos do filme.
- Propor a apresentação de um seminário informativo sobre a colonização e descolonização no continente africano e seus impactos. ”

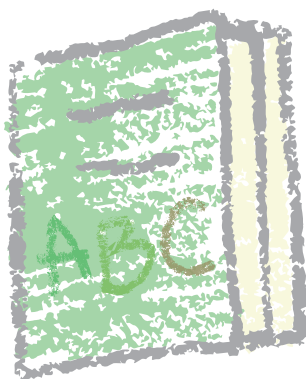
César Roberto, professor de Geografia.

Aplicação do material na Língua Portuguesa

“A utilização do cinema como ferramenta pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa pode ser extremamente enriquecedora, mas, como apontado, exige planejamento, reflexão e cuidados para que não se torne uma atividade superficial ou apenas um "tapa-buraco". Vou analisar criticamente cada um dos pontos mencionados, considerando o contexto de uma escola particular com salas lotadas, recursos pedagógicos e tecnológicos limitados, e a possível desvalorização do cinema como recurso educativo.

Planejamento pedagógico prévio - Em escolas com salas lotadas e recursos limitados, o planejamento prévio pode ser negligenciado devido à falta de tempo dos professores ou à pressão para cumprir o currículo. Sem um planejamento claro, o filme pode ser usado apenas como uma forma de ocupar o tempo, sem conexão com os objetivos de aprendizagem. Além disso, em escolas particulares, onde há cobrança por resultados, os pais podem questionar o uso do cinema se não houver uma justificativa pedagógica clara.

[...] Cuidado na escolha do filme apropriado para o ambiente escolar e a faixa etária - Em escolas particulares, onde há maior diversidade de valores e crenças, a escolha de um filme pode gerar conflitos com pais ou responsáveis. Além disso, filmes com linguagem complexa ou temas muito densos podem não



ser adequados para a faixa etária dos alunos[...].

Professores e estudantes veem o cinema como um "tapa-buraco" - Em escolas particulares, onde há pressão por resultados e cumprimento de prazos, o cinema pode ser visto como uma atividade de menor importância, usada apenas para preencher tempo ou distrair os alunos. Isso desvaloriza o potencial pedagógico do cinema e reforça uma visão utilitarista da educação.

No ano passado, nas aulas de Língua Portuguesa foi utilizado o cinema como ferramenta pedagógica para desenvolver habilidades de pensamento crítico, argumentação e produção textual. Duas produções cinematográficas foram selecionadas para trabalhar temas relevantes e estimular a reflexão dos alunos do 8º e 9º anos: *Meu Pé de Laranja Lima* e *Extraordinário*.

O filme *Meu Pé de Laranja Lima* foi exibido com o objetivo de despertar nos alunos do 8º ano uma análise crítica sobre as temáticas abordadas na obra, como infância, família, desigualdade social e superação. Após a exibição, os estudantes foram orientados a escolher um tema que mais lhes chamou a atenção e relacioná-lo a trechos específicos do filme. Em seguida, apresentaram suas reflexões em forma de seminário e produziram artigos expositivos, nos quais exemplificaram suas ideias com cenas e diálogos da obra. Essa atividade permitiu que os alunos desenvolvessem habilidades de interpretação, argumentação e escrita, além de ampliarem seu repertório cultural. ”

Nathalie Ribeiro, professora de Língua Portuguesa.

Avaliação do material por outra professora de História

“Esta cartilha assume um papel central ao instruir os professores na utilização do cinema como ferramenta pedagógica estratégica para trabalhar narrativas africanas autênticas, desconstruir estereótipos e promover uma visão mais ampla e diversa sobre o continente, fator que muitas vezes deixa a desejar nos livros didáticos.

[...]

Ante o exposto, ao ser utilizado em sala de aula, este produto pode gerar um impacto tanto entre os estudantes, quanto em nós, professores, pois incentiva uma visão mais ampla da cultura africana, indo além das representações eurocêntricas. Além disso, amplia o repertório cultural dos estudantes, promovendo uma educação antirracista e uma formação mais crítica, já que o cinema é um meio poderoso para discutir temas como colonialismo, identidades africanas, diversidade cultural e estética cinematográfica.

[...]



Para mim, o ponto central desta cartilha é o momento em que a autora promove a apresentação de filmes de Moçambique e Senegal, que podem não ser de conhecimento dos professores. Esse recurso é útil para discutir processos históricos, políticos, sociais e culturais ligados à descolonização, temas que geralmente são pouco explorados em sala de aula.

A escolha de Moçambique e Senegal pode refletir um recorte intencional, destacando dois países africanos que passaram por experiências distintas, mas emblemáticas, no contexto das independências. Ademais, os critérios de escolha baseiam-se na repercussão histórica e importância dos diretores, mas a cartilha reconhece que há outros filmes igualmente relevantes. Isso demonstra um cuidado metodológico, evitando uma visão limitada sobre as produções cinematográficas africanas.

Portanto, os aspectos pedagógicos, tais como: apresentação de gênero, direção, prêmios e sinopse; sugestão de cenas específicas que podem fomentar discussões críticas em sala de aula e a relação dos filmes ao contexto pós-colonial na África, são ações que facilitam o trabalho dos professores, fornecendo material de apoio estruturado para as aulas. Deste modo, essa iniciativa reforça a importância do cinema como recurso histórico e cultural, permitindo aos estudantes vivenciar narrativas africanas contadas por africanos, e não apenas a partir de olhares externos. ”

Raniele Alves, professora de História.



César Roberto Freitas Fonseca

Professor de Geografia na educação básica da rede privada em São Luís – MA; Pós-graduação em Geografia, História e Didática pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).



Nathalie de Jesus Maria Ribeiro

Professora de Língua Portuguesa na educação básica da rede privada em São Luís – MA; Especialista em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Espanhola pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), Licenciada em Letras Português e suas respectivas literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

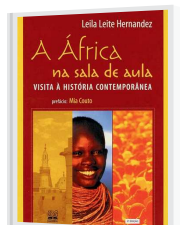


Raniele Alves Sousa

Professora de História na educação básica da rede pública em São Luís – MA; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS/UFMA); Licenciada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).



INDICAÇÕES DE LEITURAS



A África na sala de aula: visita à história contemporânea

Em uma abordagem pedagógica, explora a história do continente africano a partir do imperialismo e seus desdobramentos políticos. Temáticas como o pan-africanismo, movimentos de resistência e as independências também são desenvolvidas.

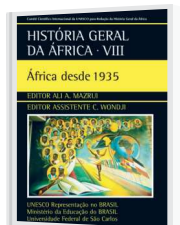
HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.



Como usar o cinema na sala de aula

Apresenta estratégias metodológicas para o uso do cinema na escola, explorando sua relação com a história. Além de discutir diferentes gêneros e temáticas cinematográficas, oferece sugestões de atividades para aplicação em sala de aula.

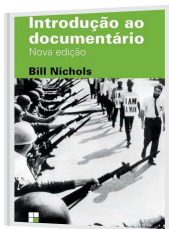
NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.



História Geral da África, VIII: África desde 1935

Reúne especialistas que analisam o contexto africano no século XX, destacando as lutas de libertação e as mudanças políticas, econômicas e culturais, além do posicionamento dos países africanos no pós-Segunda Guerra Mundial e suas relações com o cenário internacional.

MAZRUI, Ali; WONDJI, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.



Introdução ao documentário

Discute sobre os principais tipos de documentários e auxilia na compreensão sobre suas características, análise e funções. São pontuadas questões como o limite entre o real e o gênero de documentário, além das reflexões críticas que podem ser feitas.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 6. ed. Campinas: Papius, 2016



Descolonizando as mentes: Ousmane Sembène e a proposta de um Cinema Africano na década de 1960

Dissertação sobre a vida e cinematografia de Ousmane Sembène. São exploradas questões como a colonização e independência de Senegal, bem como a análise de três filmes do cineasta.

LIMA JÚNIOR, David Marinho de. **Descolonizando as mentes: Ousmane Sembène e a proposta de um Cinema Africano na década de 1960**. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.



Tem cinema em África: cinemas africanos e audiovisuais como ferramentas educativas para o ensino de História da África

Dissertação sobre o uso dos cinemas africanos na educação, com foco em Moçambique e Senegal. O trabalho apresenta três vídeos educativos voltados para estudantes, explorando as cinematografias desses países e seu potencial pedagógico em sala de aula.

FERREIRA, Ana Paula Mendes. **Tem cinema em África: cinemas africanos e audiovisuais como ferramentas educativas para o ensino de História da África**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2022.



REFERÊNCIAS



ARMES, Roy. O cinema africano: uma tentativa de definição. In: FERREIRA, Carolin Overhoff. (org.). **África: um continente no cinema**. São Paulo: Editora Unifesp, 2014, p. 19 - 35.

BAMBA, Mahomed. O(s) cinema(s) africano(s): no singular e no plural. In: BAPTISTA, Mauro; MASCARELLO, Fernando (orgs.). **Cinema mundial contemporâneo**. Campinas: Papirus, 2008, p. 215-231.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 09 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 06 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm. Acesso em: 06 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf Acesso em: 29 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história : Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BASÍLIO, Guilherme. Samora Machel: O princípio do Homem Novo e seus significados. **Revista Udzimi**, n. 7, Maputo, 2011.

CONVENTS, Guido. O cinema moçambicano colonial. In: SECCO, Carmen Tindó; LEITE, Ana Mafalda; PATRAQUIM, Luís Carlos (org.). **CineGrafias Moçambicanas: memórias & crônicas & ensaios**. São Paulo: Kapulana, 2019, p. 29 -50.

LIMA JÚNIOR, David Marinho de. O cinema africano. In: _____. Descolonizando as mentes: **Ousmane Sembène e a proposta de um Cinema Africano na década de 1960**. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014, p. 43-72.

MARANHÃO. Secretaria Municipal de Educação de São Luís (MA). **Proposta Curricular da Educação Infantil e Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de São Luís – MA**. São Luís, Maranhão: SEMED, 2023.

ROSENSTEIN, Johannes. Uma breve história do cinema africano: relato de viagem. In: FERREIRA, Carolin Overhoff (org.). **África: um continente no cinema**. São Paulo: Editora Unifesp, 2014, p. 77-103.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. A descolonização da mente é um pré-requisito para a prática criativa do cinema africano? In: MELEIRO, Alessandra (org.). **Cinema no Mundo: África**. Volume 1. São Paulo: Editora Escrituras, 2007.



FILMOGRAFIA

A NEGRA de... Direção: Ousmane Sembène. Produção: Les Actualités Françaises; Films Domirev; Ministère Coopération. 1966. 1 vídeo (60 min.). Publicado pelo canal Cine Antiqua Purple. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MDU9syDAoTA>. Acesso em: 05 dez. 2024.

O CARROCEIRO. Direção: Ousmane Sembène. Produção: Les Actualités Françaises; Films Domirev; Ministère Coopération. 1963. 1 vídeo (20 min.). Publicado pelo canal Luiz Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t-hWLTrPKSU>. Acesso em 05 dez. 2024.

O TEMPO dos leopardos. Direção: Zdravko Velimirovic. Produção: Instituto Nacional de Cinema e Avala Film – Belgrado, 1985. 1 vídeo (91 min.). Publicado pelo canal Makwayela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LO1JU2KCqik>. Acesso em: 20 set. 2023.

VIRGEM Margarida. Direção: Licínio Azevedo. Produção: Ébano Multimedia, 2012. 1 vídeo (83 min). Publicado pelo canal Fernando Gil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-6dj_eaBqBc. Acesso em: 10 set. 2023.

SOBRE A AUTORA

Itamiris Cantanhede e Cantanhede é professora de História do ensino básico, mestre em História pelo Programa de Pós Graduação (PPGHIST) na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e licenciada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Pesquisa as relações entre cinema, História e cinemas africanos desde 2017.





A *Cartilha CinematogrÁfrica* nasce do desejo de propor caminhos. Com foco na produção audiovisual de Moçambique e Senegal, a obra convida professores e professoras a descobrirem o potencial pedagógico do cinema africano, não como ilustração ou distração, mas como linguagem que educa, provoca e emancipa.

Amparada por legislações como a Lei nº 10.639/2003 e fundamentada em uma crítica às práticas tradicionais de ensino, esta cartilha oferece orientações e reflexões que ajudam a inserir estéticas e narrativas africanas nos currículos escolares.

Um convite à construção coletiva de práticas educativas mais críticas, plurais e comprometidas com uma formação antirracista.